

“O animal não finge fingir”. Essa frase de Lacan citada pela autora (p. 45) trouxe-me à lembrança fragmentos do filme “Ran” de Akira Kurosawa inspirado no clássico Rei Lear.

O filme mostra a disputa de poder, a disputa na sucessão do lugar do pai, do imperador. Diante da decisão do imperador, que escolhe um entre os três filhos para ocupar seu lugar – os dois preteridos tramam uma estratégia para que isso não aconteça. Um sócio é preparado com rigorosa disciplina para ocupar o lugar do pai. Fingindo ser o imperador, apresenta-se diante de todos. Assim, tomam-no pelo imperador, quase todos...

Uma criança, neto do imperador, percebe o sócio, mas já capturado pelo sorriso no olhar, pelo brincar do *falso avô*. Na troca de olhares entre os dois, o engano é consentido.

Já o cavalo, derruba o falso imperador diante de todos. Não houve adestramento suficiente, não há adestramento possível. O cavalo não se deixa enganar.

Um sócio no lugar do imperador, uma criança, um olhar, um animal. A criança e o cavalo, testemunhas decisivas da possibilidade de o engano se realizar.

Pai, não vê que estou ardendo?

Resenha de Lia Ribeiro Fernandes, *O Olhar do Engano – Autismo e Outro Primordial*, São Paulo, Escuta, 2000, 170 p.

Instigante o título do livro. *O Olhar do Engano, Autismo e Outro Primordial*. Do início ao final do livro – o animal não finge fingir.

De que engano e de que olhar se trata? Do olhar do engano, do olhar, e do autismo. Autista, aquele que esquivava o olhar.

Lia Fernandes produz sua tese de mestrado através da pesquisa de um caso clínico e faz um estudo teórico rigoroso e claro que pensa a questão do Outro Primordial. Freud e Lacan são seus principais aliados, mas é Lacan quem dá o tom maior. Também o pensamento de Marie-Christine Laznik, fortemente *afetado* pela clínica do autismo em crianças e bebês, está presente no texto da autora.

Ao recortar esta questão, partindo de um caso clínico de uma criança abrigada/asilada numa instituição como a Febem, a autora acaba destacando uma problemática clínica de nossa atualidade.

A questão do Outro Primordial está diretamente relacionada à cultura (Freud), ao laço social (Lacan), aos ideais soci-

ais. Que ideais sustenta uma instituição como a Febem? Que formas de inclusão/exclusão/foraclusão engendra? É uma questão que o livro nos permite desdobrar.

Na sua indagação teórica, a pergunta se traduz no que é específico do olhar do engano. Como ele é constituído?

Um bebê apático, que não olhava, não chorava ou sorria e tampouco falava (p. 14), destituído dos pais por intervenção jurídica, fica ao abrigo da Febem, compondo um quadro peculiar de carência simbólica. Os contatos que a equipe clínica faz inicialmente ficam restritos à ordem da necessidade (p. 16). Como esta apatia pode ser iluminada? Como *uma equipe* pode olhar este bebê? Pode, ao menos um, olhar este bebê?

É quando a fisioterapeuta e os agentes da instituição passam a *esperar* algo da criança, passam a apostar numa subjetividade possível, que uma melhora flagrante se dá. O paciente será cada vez mais *sonhado* pela instituição (p. 19).

Lia Fernandes lança mão de depoimentos de artistas acerca do processo criativo para começar a conceitualizar o Outro. “É comum escutarmos um artista dizer que cria não porque quer ou pretende, mas porque precisa, porque *algo* se impõe... é sobre esse algo e sobre sua alteridade em relação à consciência que lanço o ponto de partida” (p. 30).

Destaca neste *algo* a ruptura com a consciência, a falha, o tropeço, o outro lugar, o “reino das palavras”, na expressão feliz de Carlos Drummond de Andrade.

O animal não finge fingir. O animal não se engana com quem é o seu dono. “Lacan, no seminário da identificação, tece um longo comentário a propósito de sua cadela Justina para marcar a diferença fundamental entre fala e linguagem. Justina nunca a toma por um outro... ela nunca se engana, não restando nisso a menor possibilidade de equívoco... Ela revela existir para si somente o pequeno outro... A capacidade de transferência está suspensa à possibilidade do engano chiste, à existência do Outro. O outro do chiste, o que está sempre *noutro lugar*” (pp. 131-133).

Percorre em Freud: *O Chiste e sua relação com o inconsciente*, *A Interpretação dos sonhos*, *O Projeto para uma Psicologia Científica*, *as Pulsões e suas Vicissitudes*; em Lacan: *Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise*, *O Seminário da Angústia*, *O Estágio do Espelho*, entre outros. Tem o mérito de fazer dialogar ambos os mestres e de pontuar suas diferenças.

É sobre o tropeço, o lugar-outra e o sem sentido que a autora discorre. Em Freud: “é o Outro do inconsciente, cujo discurso *me* agita, fala em mim quando falo, além do que *eu* tencionava dizer. Outra memória...” (p. 36).

Através da psicanálise sabemos que não há *a* coisa certa e que *ex-siste* o fora. O que articula o sem sentido, esse fora do lugar?

A memória, as imagens, os sem sentidos fazem sentido “na cadeia de associações tecida” (p. 37), articulada pelo simbólico. Aí reside a propriedade fundamental da linguagem, diz Lacan e com ele a autora. Lacan assimila aos mecanismos inconscientes da condensação e do deslocamento as figuras da linguagem da metáfora e da

metonímia. O inconsciente assim pensado não é outra coisa “senão o significante em ação” (p. 38), situa-se na própria superfície da fala e se afasta da idéia de reservatório de conteúdos. O Outro é polifônico.

A autora lembra: o outro freudiano traz “a marca de uma excentricidade e de uma exterioridade que corta a continuidade do discurso consciente... em Lacan o Outro é exterior não só à consciência... tal exterioridade se situa também em relação ao indivíduo...” (p. 39). Há uma equivalência entre o conceito de Outro e cultura (p. 41).

No caminho teórico através do qual a autora nos conduz, o Outro é mostrado em suas diversas faces: o do Outro absoluto, o da alienação, o da separação, o Outro Primordial. É em torno de um primeiro exterior que se orienta o sujei-

to. “Algo se impõe, expressão dessa máxima alteridade do sujeito” (p. 55). Não há singularidade possível fora do laço social ou fora do tecido cultural.

A distinção feita por Lacan entre eu e sujeito e a contribuição de Laznik acerca da conjugação do pequeno outro ao Outro no acesso à linguagem e no fechamento do circuito pulsional nos remetem diretamente à questão da articulação fundante do sujeito. Não há separação entre realidade psíquica e realidade exterior, há uma continuidade interior/exterior, há uma herança que não é biológica, uma herança do desejo do Outro. A dimensão de descontinuidade – *hiatos* – e da vacilação – *tropeços* – do inconsciente lacaniano tem conseqüências na clínica: a interpretação fica próxima da criação poética, criação, intervenção com peso de ato – abre efeitos de sentido e de verdade.

O que funda este olhar constitutivo são os ideais (éticos, culturais), é um olhar desejante. *O olhar do engano* é um olhar que antecipa atribuições, é o olhar do apaixonamento, idealiza, outorga perfeição.

Um olhar que ilumina algo onde não há, permitindo a constituição de uma subjetividade, testemunha do mundo simbólico. Operação realizada pelo Outro primordial na articulação do real e do simbólico. Protagonizado primordialmente pelo outro materno (p. 85), transcende o real da criança, corresponde ao aureolar o corpo da criança

com objetos pequenos a. A autora desenvolve os esquemas óticos de Lacan (pp. 93-130) destacando que a idéia de ilusão é própria da idéia de espelho e imaginário: “Trata-se da idéia de ilusão, de engodo que a imagem – *seja a originária, seja a especular* – encerra primordialmente” (p. 120).

A construção teórica da autora está bem delineada e nos serve para refletir sobre a clínica psicanalítica nos limites institucionais que impedem/desconhecem uma condução transferencial do tratamento. Atualidade do tema, tanto pela problematização da função social da instituição Febem, quanto pelo questionamento da frouxidão do laço social dominante na cultura contemporânea. Que clínica é possível nesse contexto?

Importante enfatizar a relevância do trabalho da autora trazendo o relato clínico de um caso, oriundo de uma instituição simbolicamente falida, que transita nas fronteiras do real e do simbólico.

Regina Hallack é psicanalista, membro do Instituto Terapon Adolescência.